



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

Parem de nos matar

É de impotência o sentimento de ver e de noticiar a morte de mais mulheres nas mãos de homens machistas. Eles matam com raiva e violência, como se fôssemos descartáveis. Estamos cansadas de apenas sobreviver. De contar os dias para o fim que nunca sabemos quando e de que forma chegará. Atacadas nas ruas por um desconhecido? Num

bar após um flerte? Em casa por alguém com quem trocamos votos no altar? Ou no meio da rua por aquele que insiste em manter um vínculo que se rompeu?

Muitas de nós estão tendo as vidas destróçadas, corpos mutilados e o sentimento de culpa e de medo que as acompanham diariamente. Não é justo que seja assim. O levante Mulheres Vivas do último domingo é apenas mais um grito da revolta entalada em nossas gargantas e que explode dentro do peito. Precisamos cantar, dizer, desenhar, protestar até que entendam: parem de nos matar! Será pedir demais que nos deixem viver?

É verdade que o que queremos vai muito além disso. Queremos muito mais do que sobreviver, como disse. Queremos ser respeitadas, amadas de maneira altruísta e verdadeira. Queremos usufruir dos nossos salários e acompanhar o crescimento dos nossos filhos. Queremos rir até sentir dor de barriga e ter o prazer de estar num relacionamento em que as cobranças sejam simplesmente acordos selados entre dois adultos que escolhem compartilhar uma caminhada juntos.

Todos nós cometemos erros, afinal, é humano errar. Mas posso dizer com segurança que muitas, mesmo sem obrigação, estão

continuamente e pacientemente nos ensinando a sermos melhores. Mostrando como a construção de uma sociedade mais justa e igualitária é essencial para aumentar a qualidade de vida nas cidades e que isso passa, necessariamente, por respeitar as mulheres.

Meninas e mulheres com formação adequada tendem a transformar a realidade das comunidades em que vivem. Seja pelo empreendedorismo, seja por outras formas de gerar renda e de trazer benefícios, como na ampliação da educação, do saneamento básico e dos serviços de saúde. Mães que têm a chance de passar mais tempo — e com mais qualidade

— ao lados dos filhos pequenos contribuem para melhorias nos índices de adoecimento da infância até a idade adulta.

Evidente que uma sociedade justa e igualitária é tudo o que uma pequena parcela dos que dominam as posições políticas e econômicas do poder não quer. Mas precisamos — homens e mulheres — apegar-nos à força da esmagadora maioria que somos e defender não só o direito básico à sobrevivência de esposas, filhas, netas, sobrinhas e amigas, mas também que elas vivam no potencial máximo de suas vontades. Nenhuma a menos: mulheres vivas!

LUTO / Referência para gerações de alunos, o médico, arquiteto e instrutor de tai chi chuan deixa um legado de serenidade e transformação, materializado na Praça da Harmonia Universal, patrimônio cultural imaterial de Brasília

O adeus a Mestre Woo

» LARA COSTA

Familiares, alunos e admiradores se reuniram ontem, no Cemitério Campo da Esperança da Asa Sul, para se despedir de Moo Shong Woo, conhecido por todos como Mestre Woo. O médico, arquiteto e instrutor de tai chi chuan morreu no sábado, aos 93 anos, vítima de um infarto. Reconhecido como um dos grandes nomes da cultura corporal chinesa no Distrito Federal, ele marcou gerações com sua presença serena e seu compromisso com a saúde integral. O sepultamento ocorreu às 16h.

Entre os presentes estavam alunos, autoridades públicas, políticos e pessoas que, ao longo de décadas, encontraram no mestre não apenas um instrutor, mas um guia para a vida. Para a filha, Tzulia Woo, o pai transmitiu muito mais do que técnicas e exercícios: deixou uma filosofia para viver bem. “Ele nos ensinava a cuidar do corpo, da mente, do ambiente, a viver em sociedade e a compreender que tudo tem uma razão”, relatou.

Segundo ela, Mestre Woo sempre pediu que a própria despedida fosse encarada como celebração. “Meu pai dizia para não chorar no velório dele, que seria uma festa de uma vida realizada, porque ele aprendeu muito e pôde ensinar a tantas pessoas”, contou, emocionada.

Aristein Woo, filho mais velho, reforçou o espírito ativo do pai, preservado até os últimos dias. “Ele fazia equitação, hidroginástica, fisioterapia, pilates. Em uma dessas práticas, passou mal e foi levado ao hospital. Fizeram tudo que era possível, mas era mesmo a hora dele. E partiu de forma tranquila, suave”, lembrou.

O deputado distrital Chico Vigilante (PT/DF), responsável pela homenagem da Câmara Legislativa ao mestre, em 2016, compareceu para prestar solidariedade. “Ele só transmitia paz, amor e carinho. É uma perda enorme para o Distrito Federal”, assinalou.

Para ele, a presença de Woo fará falta em um momento tão turbulento. “Dói dizer adeus a alguém que viveu e pregou a humanidade que sonhamos. Em um mundo com tantas guerras e conflitos, queria que ele estivesse entre nós por mais tempo”, lamentou.

O ministro aposentado do STJ José de Castro Meira também prestou homenagem, lembrando que Woo se dedicou ao próximo sem

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



O sepultamento ocorreu ontem, às 16h, com a presença de familiares, amigos e admiradores do mestre que marcou gerações com seu compromisso com a saúde integral

Ele nos ensinava a cuidar do corpo, da mente, do ambiente, a viver em sociedade e a compreender que tudo tem uma razão”

Tzulia Woo, filha do Mestre Woo

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



esperar nada em troca. “Mesmo com origem oriental, tornou-se um brasileiro. Sua vida foi exemplar e transmitiu sempre tranquilidade — uma lição a todos nós”, afirmou.

Histórias

Entre os alunos que conviveram com Mestre Woo, as recordações são marcadas por afeto e transformação pessoal. Davi Carvalho, policial aposentado de 67 anos e um

dos primeiros alunos do mestre, o descreveu como uma figura determinante em sua vida. “Ele mudou muita coisa em mim. Ensinou artes, princípios, caráter. É difícil falar de um homem que tem uma história tão marcante”, disse, emocionado.

Jara Márcia Almeida Costa, facilitadora de tai chi chuan e aluna desde 1998, afirmou que os ensinamentos de Woo acompanham o praticante por toda a vida. “O tai

chi é aprendizado constante, porque nosso corpo muda. Os benefícios vão se incorporando ao longo da vida. Encontrá-lo foi um presente”, comentou.

Para ela, dois ensinamentos sintetizam o legado do mestre: persistir e compartilhar. “Ele dizia para nunca desistir e para transmitir aquilo que recebemos. É o que faço: passo adiante a maravilha que ele trouxe para nós. Tudo que sei, aprendi com ele”, celebrou.

Biografia

Nascido em 3 de março de 1932, em Chiayi, Taiwan, Moo Shong Woo cresceu imerso nas tradições das artes marciais e da medicina chinesa. Formado em arquitetura, decidiu aprofundar-se nos estudos de medicina nos Estados Unidos, nos anos 1950, buscando unir corpo, mente e filosofia.

Chegou ao Brasil em 1961, vindo em Minas Gerais e São Paulo antes de se mudar definitivamente para Brasília, em 1968. Nos anos 1980, fundou a Associação Being Tao (ABT), instituição que consolidou práticas como tai chi,

meditação, respiração, automassagem e saúde integral.

Em 1974, iniciou as aulas na Entrepadra 104/105 Norte, espaço que, mais tarde, se tornaria a Praça da Harmonia Universal — hoje patrimônio cultural imaterial de Brasília, por força da Lei Distrital nº 3.951, de 2007.

Mestre Woo deixa como legado não apenas técnicas de movimento, mas uma filosofia de vida. Sua atuação pública, gratuita e contínua transformou a prática do tai chi chuan no DF e o consagrou como uma das figuras mais emblemáticas da capital, lembrado por sua serenidade, dedicação e espírito comunitário.



Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 07/12/2025

» Campo da Esperança

Agostinho Ferreira da Silva, 87 anos
Ana Maria Leal Barros, 78 anos
Ana Paula Fernandes Rocha, 30 anos
Bohumil Med, 58 anos
Deocleciano Reinaldo de Sousa, 91 anos
Jesse de Souza, 85 anos
José Barbosa de Souza, 87 anos
Jozenildo Rocha dos Santos, 55 anos

Marcelo Rodrigues de Brito, 48 anos
Maria Aparecida Pinto, 60 anos
Maria da Baleta de Gois, 77 anos
Moo Shong Woo, 93 anos
Nilvanda Souza Lima, 70 anos
Paulo Henrique Rodrigues de Oliveira, 47 anos
Vanderley Gonçalves Pereira, 70 anos

» Taguatinga

Carlos Geovane Ribeiro

Guimaraes, 91 anos
Emília Mendonça de Jesus, 82 anos
Francisca Braz de Jesus, 85 anos
Francisca Carciano Barreto, 80 anos
Francisca Correia de Lima, 95 anos
Giovani Martens Mine, 55 anos
Jose Ferreira La, 83 anos
Kauã Victor Ferreira, 10 anos
Marta Costa de Oliveira Pereira, 69 anos

Maria da Paz de Jesus, 66 anos
Maria Ferreira Ribeiro, 56 anos
Maria Lucília Araújo dos Santos, 79 anos
Maya Beatriz Barbosa Rodrigues, menos de 1 ano

» Gama

Gabriel Henrique Moreira, 89 anos
Hidelbrando Alves dos Santos, 60
Maria Jose de Almeida, 93 anos

Marlucia de Sima Dias, 59 anos

» Planaltina

Denis Dionísio Ferreira dos Santos, 39 anos
Jose Alves dos Santos, 71 anos
Sebastião Valdez Viana de Sousa, 67 anos

» Brazlândia

Ivanildo Ferreira de Souza, 54 anos

» Sobradinho

Maria Abadia Francisco da Silva, 86 anos
Neuza Coelho Nogueira, 98 anos

» Jardim Metropolitano

Maria da Conceição Silva Oliveira, 67 anos
Elba Vasconcelos Rabelo, 82 anos (cremação)
Fabiana Carolina Souza Nardes, 38 anos (cremação)